

# ARAZÃO

SEMANÁRIO REPUBLICANO

Director e Editor, Dr. David d'Oliveira

N.º 15 do 1.º Ano

Redacção e Administração, Rua da Liberdade, 94

Guimarães, 9 de Abril de 1923

Comp. e impressão, Empresa de Publicidade - FAPB

## 9 DE ABRIL

Na Flandres Portugal revive a morrer. Phenix gloriosa, a Patria ergue-se nesse dia numa triunfal apoteose de Morte e fogo, por entre os escombros, amalgamados de lagrimas e sangue, sobre os quais a Alemanha pretendia firmar a sua bandeira, avassalando o Mundo!

Foi com o sangue que se verteu que se robusteceu a Patria; foi a Morte que lhe deu Vida.

Mortos, é hoje o vosso dia! — Vivei na nossa mente, fortes como na hora em que nos deixastes penetrar com o vosso heroismo e vosso sacrificio a nossa Alma, para que possamos viver e morrer com a certeza de que Portugal será eterno.

## VIVA PORTUGAL

### 9 = 4 = 918

O mês de Março decorreu muito agitado no sector português.

Após o raid alemão de 2, em que tivemos pesadas perdas (as alemãs não foram menores), sucessivos assaltos, de parte a parte, se deram.

As nossas tropas repeliram com galhardia todas as tentativas das forças germânicas e foi com um vigor admirável que, primeiro uma companhia de infantaria 21 e mais tarde uma outra de infantaria 14, se lançaram para as linhas adversárias.

Os combates de patrulhas sucediam-se e as metralhadoras crepitavam fortes. A artilharia executava uma destruição formidável. Voavam os parapetos, derruíam os abrigos, nuvens negras de fumo e de lama se erguiam do solo:

De noite o espectáculo era horrivelmente belo: enormes jactos de fogo, acompanhados de rugidos atrozadores; aldeias a arder, cidades espavoridas com os bombardeamentos dos aeroplanos.

Ao longe os clarões dos incendios e o troar da artilharia noutros combates, na mesma furia destruidora; sobre nós passavam os taubes boches que iam levar a morte e o pânico á retaguarda; subindo

ao céu, abrindo-se em ondas de luz que rasgavam as trevas traçoceiras da noite, os foguetes.

Um arraial imenso, o arraial da morte.

Aqui um gemido, além uma imprecção e mais além uma oração.

Homens agonizando, homens rugindo e homens orando.

E a artilharia gargalhava de quarto em quarto de hora.

Não se podia dormir.

.....  
E durante essas noites intermináveis e geladas, os soldados falavam de Portugal.

Para a sua Patria distante, das suas almas voava a saudade.

E esta saudade era bem amarga porque bem sentiam o abandono a que os tinham lançado.

Um ano de guerra e sem esperança, de regresso á Patria!

Um ano de guerra em que deram provas da sua abnegação, da sua heroicidade obscura e da sua resistencia moral e física!

Um ano de guerra em que viveram atolados em lama, ao frio, rotos e quasi descalços!

Se ao menos lhes dessem uns dias de licença... volta-

riam abraçar as suas mães, beijar as suas noivas, estreitar ao peito os filhinhos que ainda não tinham visto.

Uns dias de licença e viriam novamente para o seu posto, sorridentes e confiando em Deus.

Mas não. Em Portugal realizavam-se festas, paradas flmantes e... esqueciam os pobres soldados, já cansados, doentes e a quem o desânimo começava a invadir.

«Aquilo é bom» diziam os heróis do front lisboeta que, no parque Eduardo VII, dispararam meia dúzia de tiros e voltaram para a cama dormir, regeladamente.

Era bom, era. Era bom ver como os soldados de Portugal se batiam, era con olador ver como desafiavam a morte.

.....  
Manhã de Abril nevoenta e fria. Era o dia 9. Uma densa neblina encobria a terra e os homens, fantasmas de soldados arrastando-se num ultimo esforço por honra de Portugal.

As sentinelas portuguesas espreitavam atentas, aguardando serénas o desenrolar da acção que, pela preparação feita pelos alemães, já pressentiam. Seria hoje, amanhã? Não se sabia.

De repente, um ronco enorme se ergueu do lado de lá, logo seguido pelas explosões de milhares de granadas, pelo crepitar violentissimo das metralhadoras; a terra tremia, um ciclone de fogo e aço agitava, revolvía, queimava a lamacên-

ta e funda terra de Flandres. E essa cortina de fogo e aço, avançava, recuava, triturando a terra e rasgando os corpos.

Era a mais formidável das barragens de artilharia que até então se tinha desencadeado sobre as forças aliadas.

Estava travada a Batalha de La Lys. Contar o que ela foi, não sei. Não estive lá, estava num hospital.

O que eu vi é que os soldados de Portugal se bateram bem, bateram-se até onde humanamente foi possível.

Praticaram-se acções gloriosas, de exemplo serve a cefeza heroica de Lacouture.

Nas primeiras linhas a resistencia foi admirável.

Que o digam os soldados de infantaria 20 que então estavam no posto de honra.

A derrota tem uma explicação: a violência do ataque, os grandes efectivos das tropas atacantes, a falta de reservas e a falta de organização.

E mais: os ingleses foram os principais culpados. Cederam no nosso flanco esquerdo de tal maneira que, ainda os soldados de Portugal se batiam nas primeiras linhas, já tinham forças alemãs na retaguarda.

O que não se pode dizer é que os portugueses não se bateram e bem.

Testemunho eloquente da sua heroicidade é um túmulo dum Soldado Desconhecido que encontrei ao longo da estrada

de La Bassée e que tinha a seguinte inscrição em alemão:

*A um heroico Soldado Desconhecido português Morto em combate 9 - IV - 918*

Não fomos nós que fizemos a inscrição, foi o inimigo, foram os alemães.

Como este, muitos outros túmulos.

.....  
Soldado Desconhecido de Flandres, meu companheiro de armas, exemplo de Valor e Abnegação pelo Bem da Patria, heroi sem nome, filho de Portugal, a Patria te agradece e reconhece a tua grandesa humilde, a tua sublime abnegação.

Soldado Desconhecido de Africa, irmão do Soldado Desconhecido de Flandres, grande como êle, que não menos privações passaste e igual Abnegação mostraste, que o teu sacrificio seja exemplo para os nossos filhos.

CARLOS COELHO.

### EXPEDIENTE

Em virtude das grandes dificuldades do momento, temos a informar aos nossos presados assinantes que se vai proceder á cobrança do primeiro semestre do nosso jornal, isto é, de vinte e seis números.

Pelo bom acolhimento, muito e muito obrigados.



Data historica

Surgiu agreste, cheio de incertezas no alto, embaciando a transparencia viva das verduras, o dia 9 de Abril de 1918.

A cotovia já fizera a sua primeira ascensão nos céus, para dar a grande pastoral beethovenica da manhã, despertando a natureza adormecida.

O Lys chorava melancolias líricas e épicas, e num bocejo as nuvens rólas, deixavam contemplar algum florão dos céus brunido de reverberos de sol.

Na terra, numa fenda sinuosa, trinta mil soldados de Portugal estendiam-se, olhos fitos na Pátria distante, espreitando o inimigo aguerrido e exprimentado que lhes enfrentaram...

A artilharia, primeiro lenta e depois feroz, vomitava mortifera metralha, estremecendo a terra, a paz tinha sido roubada e tudo era um campo de desolações e ruínas...

Surgem as primeiras vagas de assalto. Bem depressa foram dizimadas. Outras e outras se sucedem e apesar da resistência dêsse punhado de bravos, conseguiram penetrar nos arraiais das tropas portuguesas. Morrem e recuam sim, mas devagar. Dêsde o mais humilde soldado ao mais graduado official, quantas provas da nobre allivez da raça, do seu acerrado patriotismo e da abnegação no sacrificio...

Quanto desprezo pela morte, quanta valentia, e desejo de salvar as honrosas tradições dos seus antepassados...

Salvar a honra era o cuidado de cada um que se batia, porque se isso era um estímullo de nobre conduta, maior era o efeito produzido. Foi o que fizeram os portugueses êsses desconhecidos Serranos arrancados à tranquillidade dos seus lares e transportados para um clima diferente.

Almas de leão em corações de santos!...

Pobres campônios da minha terra, cavaleiros andazes duma Raça, como eu vos admiro e adoro neste momento...

Como ajoelho na vossa frente e vos osculo a fronte num beijo de reconhecimento agradecimento.

Pelo vosso sacrificio, muito obrigado, porque vezes ha que são mais gloriosos que vitórias.

L. C.

A Gloriosa data de 9 de Abril

Silêncio portugueses!... Recordai o «9 de Abril» — a data mais gloriosa do glorioso exército de Portugal!

Oh Mortos cujo sangue tornou rubro o revolto solo da Flandres!

Oh soldados de Portugal, representantes duma Raça de valentes, que por tão alto preço cedeste a existencia!

Oh Vós que defendestes até ao ultimo cartucho, até ao ultimo sopro de vida, a honra da Patria longinqua, a honra da Vossa farda, a Vossa propria honra!

A terra que vos foi berço, comovida e orgulhosamente recorda a Vossa valentia.

Oh heroicos combatentes! Bem o sabemos. Disputasteis palmo a palmo o terreno que vos tinham confiado. E só quando a Morte, atraindo-vos para as formidaveis clareiras abertas pela metralha inimiga, vos estendeu as garas aduncas, é que vos entregastes!... Mas como? Já sem vida!

E no supremo momento, no ultimo instante em que a derradeira gota de sangue ia deixar de vos correr nas veias, voou o Vosso pensamento para a aldeia distante!...

Ajoelhai, portugueses!... Quando em religioso silencio vos descobrires, que os vossos lábios resem, as vossas almas chorem e os vossos olhos se dirijam para os lados da Batalha — eterna morada dos Heróis Desconhecidos.

H. C.

Abel Cardozo

E' com franco entusiasmo que hoje a «A Razão» vem referir-se a Abel Cardozo.

Conhecido por todos soberbamente como um homem, na mais absoluta significação da palavra, poucos, no entanto, terão aviliado com a verdadeira justiça os seus meritos de Artista, devido á modestia de que é dotado e que lhe apontamos como unico defeito.

O triunfo que Abel Cardozo acaba de conquistar, sem com isto pretendermos denunciar o seu pensamento mais intimo, surpreendeu-o!

Não queremos negar a consciencia da sua Obra; bem ao contrario, pretendemos, tão somente, mos-

trar a vontade creadora que nele impéra e que o apouca quando não ouve «Os humildes», da teta onde os abandonou, pedirem-lhe uma esmola, «as ondas» encrespem-se e virem quebrar-se em cachões de espuma, junto a seus pés, no atelier tranquilo onde trabalha!

E, porque não consegue esse milagre, Abel Cardozo esconde-se na sua modestia, acha incompleta a sua Obra!

São sempre assim os verdadeiros artistas: victimas do seu talento, quando se contemplam, veem-se sempre pequeninos.

Ao grande artista, gloria d'esta terra apresenta a «Razão» as felicitações mais sinceras, pelo triunfo que a Justiça acaba de lhe conceder.

Dr. Aarão Pereira da Silva

No Porto onde ha tantos anos se encontrava em tratamento de saúde, faleceu o Ex.<sup>mo</sup> Snr. Dr. Cônego Aarão Pereira da Silva, antigo Professor do Seminário—Liceu d'esta cidade.

O illustre extinto era filho do snr. Antonio Pereira da Silva, e como professor revelou sempre uma competencia indiscutivel, o que lhe valia a admiração e estima dos seus colegas e discipulos.

Republicano, era-o duma fé inquebrantavel, e até se diz que a origem da sua dorçça foi devida ás perseguições que teve de arrostar, por parte de alguns ecclesiásticos, a quando do acatamento da pensão que o Governo Provisorio da Republica propôs ao clero.

Não o conhecemos pessoalmente, mas sabendo-o um espirito culto e uma intelligencia superior, mais o admiramos ainda.

Lamentamos a sua perda e á sua familia enlutada os nossos sentidos pesames.

LIVROS

Do Ex.<sup>mo</sup> Snr. Dr. Eduardo d'Almeida recebemos um livro intitulado — «Recollimento do Arcanjo S. Miguel» — a que nos referiremos mais longamente.

Pela sua oferta, muito gratos lhe ficamos.

ECOS

Cambios

A melhoria cambial vai-se acentuando dia a dia. Graças á energia e pertinacia do actual ministro das finanças, o escudo valoriza-se não obstante os desesperados esforços que em contrario empregam aqueles que se tem locupletado á custa das *aguas turcas* em que temos vivido e para a qual não bastava a justificação ficil que por aí andava de boca em boca. Na verdade, querer atribuir só á desordem e á escassez de produção a nossa anormalidade financeira, pondo de parte a acção do especulador sem escrupulos, erro é como o vão provando os factos.

Assim o entendendo, resolveu o governo atacar de frente o problema com essa serie de medidas que todos conhecem e que, pouco a pouco, vão dando os resultados desejados, sem os quais seria inevitavel a catastrophe para que nos arrastavam a avidez de muitos e a falta de patriotismo de alguns, cujos propositos se tornaram beclaros na acintosa campanha movida ao sr. Vitoriuo Guimarães.

Admiradores da obra do governo de Antonio Maria da Silva e acima de tudo querendo o prestigio da Patria e da Republica, é com prazer que registamos o facto, confiados em que ele terá repercussão altamente benefica na vida interna e externa da nacionalidade.

Chica?

Naquele tempo, no tempo em que o pobre Nazareno foi condenado ao supplicio da cruz no alto do Calvario, em cada dois ladrões um *bom ladrão* se encontrava. E hoje?

«E dos dois ladrões que estavam um de cada lado do Filho de Deus um se apiedou dele e se arrependeu...»

Fôra hoje e o caso era outro. Naquele tempo só se encontravam na Judeia dois ladrões dignos da afronta da cruz; hoje, e supondo o caso neste jardim da Europa, uma floresta de cruces não ch-garia a nada; e a respeito de *bons ladrões*, de ladrões arrependidos, temos falado.

Ele é tanto e tão grande o impudor dos hodiernos ladrões que o lendario Zé do Telhado seria entre eles a innocencia ch-pada, um pobre diabo que, com a sua inabilidade desonraria a arte e a classe.

Fôra hoje o caso, e neste jardim da Europa, e temos a certeza de que os poucos que escapassem no supplicio, veriam este facto maravilhoso:

Christo, ao ver a cara dos que o cercavam, morreria não do supplicio, mas de vergonha; e a respeito de resurreição... chiga! Nem de automovel!!!...

Ala de Namorados

O impagavel «Gil» em artigos puchados á *sustancia* (como se a gente os tomasse a sério) falam na Ressurreição de Portugal pelo Integralismo e não sei que mais... duma maneira tão *subtil e piadética* que só um *histerismo* feroz a poderia ter engendrado e predestinado.

Primeiro cantam versos de Tomaz Ribcero, depois frases bombásticas e *patrióticas*, e finalmente evocam a formação da Ala dos Namorados que integrada nos moldes dos principios... sebastianistas, perdão, *novos* é que eu queria dizer, escalonem outra vez Monsanto, e depois de implantada a Monarquia Nova, regressam á cidade dando com os calcanhares... no sitio mais proprio, e vão de abalada até á terra de *nuestros hermanos*, andar de chinguicho e piu ao ombro.

Ala de Namorados!... Quem lhes meteu isso na cabeça, meninos? Certamente o snr. Rocha Martins com a sua historia «A Monarquia no Norte».

Pobres visionários! Não caem nessa, porque se o snr. Abel Hipólito os apanha outra vez, bem certamente, em vez de mecia, levam uma duzia de palmatoadas bem mais fortes por não terem aprendido bem a lição.

Ainda os casotos

Um colega nosso vinha a lamentar-se por causa dos já célebres casotos, alegando que se não tem falado nêles é porque... não vale a pena *malhar em ferro frio*.

O quê?! Pois ainda se conservam êsses pombais?!

Essa obra nojenta que emporcalha a cidade ainda está de pé?!

Falta um verso do grande Junqueiro que aqui é bem applicado:

«E a terra continua no seu giro perfeito!..»

Tadinhos

Uma moralidade...

Embora não pareça, os *temíveis* «Ecos» veem, como de costume, *alfinetar-nos* (servindo da expressão dum outro seu colega) dizendo, a propósito do célebre roubo do Ministério dos Estrangeiros, que o chefe da quadrilha é um republicano, e que, apesar dos seus coadjutores serem monarchicos, não tinhamos medo... em gritar bem alto: *São monarchicos os galunos*.

Mais: «que o simples facto de se mostrarem inimigos do alheio é o bastante para os arredar dos logares de homens de Estado da Monarquia... Velha, poderiam ter acrescentado.



Tadinhos; mais nada? E o Padre Domingos de Cabeceiras que se queria abotoar com alguns contos dum Banco de Vila Real? Para que seriam?

Argumento: não, aquilo era só para arranjos particulares e provar o *salero* das Conchitas.

O Solmi (?), isso é honradíssimo e um fiel servidor da causa do Rei.

O Baldaque (?), esse queria organizar uma policia para, à pistoleta, dar caça aos aeroplanos que eram o seu terror.

E outra vez o Teles de Vasconcelos?

Aquêle cheque que roubou cá e foi descontar a Madrid, comprometendo um conhecido advogado?

Não, esse não; o próprio sr. Comandante disse que o não queria para correligionário, pois a falta foi gravissima.

E estes não foram ministro do reino da estampilha... da traulitania, quero dizer?!

Uma mortalidade...

**Pobres de espirito**

Está mais que provado: «não é republicano quem quer». Esta grande verdade é do domínio de toda a gente, no entanto, são aos cardumes os cidadãos que nos pretendem *ipenotisar* para que os julguemos de facto republicanos. Veem de carrinho...

Pantomineiros, cambrioleiros é que são e, por cima de tudo, muito, muitissimo **burros!!!**

\* \* \*

A crise de... pouca sorte continua. Imaginem os leitores que alguns republicanos de *upa a riba* a pretexto da carestia da vida devolveram-nos o jornal com o acompanhamento respectivo das mais comovedoras desculpas.

Pobres dos pobres... de espirito!

Então imaginam que a gente *come palha seus chinelos de liga?* — Lá porque o patrão fez, *esperreto* não se segue que faça também.

Se a fome apertar, apesar de tudo, contem contem com a nossa esmolinha.

**EXPEDIENTE**

Em virtude das grandes dificuldades do momento, temos a informar aos nossos presados assinantes que se vai proceder á cobrança do primeiro semestre do nosso jornal, isto é, de vinte e seis números.

Pelo bom acolhimento, muito e muito obrigados.

**SHELL**

Gasolina

Petroleo

e Oleos

**GAZETILHA**

**Um conto...**

— Quem quer ser hipnotizado? Quero eu!... diz muita gente. Mas, afinal, o folado Fof e amigo «Quelmente».

Sentado numa cadeira O nosso heroe revoltado Jura não crer no hipnotismo Mas, quer ser hipnotizado.

Stevenson «professôr» De tão occulta sciencia Vae-nos a «verdade» expôr Com uma simples experienciã.

As mangas arregaçadas — Ante lócas escancaradas... Stevenson principia, Lança effluvios magneticos Com gestos super pateticos Que ao mais pimpão arripia.

Mas... p'ra se dar o hipnotismo E' preciso magnetismo Electricidade e fé Um ajudante (isto é assim) E uns pós de perlimpimpim... Hipnotismo assim é que é.

Vai dormir... e não resista Vai dormir... (já perde a vista) E, o sono por fim venceu. Com a diferença somente: Acordado viu e Quelmente Que a assistenciã... adormeceu.

E o sono foi de tal sorte Que sonharam com a morte Do malfad do Quelmente Viram-no qual S. Sebastião Com setas no coração Sem sofrimento fizmente.

Quelmente foi torturado Com um fôstovo inflamado Sem chorar, sem deitar m'cho — Se lhes parece, senhores!... Sabem de tudo os «doutôres» Menos de «lume no... olhos».

Com três monstros sobre si Quelmente não cai, 'stá ali E, um caso singular! Direito como um pinheiro Quelmente que é arteiro Vê cair quem está a pezar...

Cafram não ha que vêr Mas a sério, a valer E, foi tal o trambulhão Que, sendo tudo uma «flta» C'mo o «Quelhesdizcerto» grita Não querem crêr, não e não.

A crença é uma chaga Que a coçar irritamos Mas que só nos dá prazer Quanto mais nós a caçamos.

Oh! Lazaros, como eu lamento A condiçã em que andais! Coçados, mais que coçados, E Lazaros cada vez mais.

Do Vigário.

Productos

**SHELL**

Os melhores

**A' local da «Razão»**

**Triste figura**

Repilo-a com vehemencia, porque não vejo autoridade nem competencia, em quem quer que seja o autor, para me dar insinuações ou conselhos.

Podia muito bem recolher-me ao silencio, mas isso dava a nota de desprezo, e eu como não tive essa educação, nem mesmo como ministro, ainda que indigno, d'uma Religião Santa, toda pureza; amor e perdão, não desprezo nem desconsidero ninguem, antes pelo contrario, respeito, considero, e estimo e amo a todos indistintamente.

Poderia, talvez, responder a esses diótes, mas lá estava caído no campo do agora, dize tu, agora digo eu, agora dize tu, e mais eu e terminar-se-hia por qualquer um de nós dizer o que o tacho disse á sertã «Tem-te lá não me enfarrusques».

Agradeço a consideração imercida, agradecimento este que se estenderá a todas as vezes, que V. Ex.ª se dignar memosear-me, ou melhor tiver o mau gôsto de se ocupar da minha humilde pessoa, quando ha tanto de que tractar.

Guimarães, 5-IV-923.

P.º Arthur Fernandes Guimarães.

**N. da R.** — Como o sr. p.º Arthur diz que, *talvez*, pudesse responder ao Eco, que sobre o assunto publicou «A Razão» *mas não o faz*, nada devemos acrescentar para prova das nossas asserções. Tanto mais que a prova mais evidente da razão que assistia ao nosso articulista, é o que atrás fica escrito, da autoria do sr. p.º Arthur.

Por filologicamente não podermos concordar com a frase — *me dar in. inuações* — limitamo-nos a lamentar que o sr. p.º Arthur ministro de uma Religião Santa, que é toda humildade, não vejo autoridade nem competencia em quem quer que seja para lhe dar conselhos... De resto... *Presunção e agua benta...*

E já que estamos em maré de agradecimentos, cumprenos agradecer o arrastado do sr. p.º Arthur, tanto mais que ele representa para conosco, na opinião de S. Ex.ª, um gentil gesto de respeito, consideração, estima e... e... amor!

**Ai Crédo! Que disparate!**

Oxalá o sr. p.º Arthur comece a fazer daqui para o futuro uma figura menos triste.

São os nossos maiores desejos...

Officina de vassouras e escovas de piassaba e espanadores de cabelo

— DE —

**Clementino Machado**

Mêdêlo — F A F E

Concerta só as vassouras

fabricadas nesta officina

**Sapataria Elegante**

DE

Artur de Oliveira Sequeira

Sortido completo de calçado para homem, senhora e criança

Largo do Priór do Crato, 46—Guimarães

**FARMACIA NORMAL DE GUIMARÃES**

— DE —

Manoel Jesus de Souza

17, Praça D. Afonso Henriques, 20

Laboratorio de productos quimicos e especialidades farmaceuticas; solutos esterilizados, cuidadosamente doseados. Aviamento escrupuloso de recettuario medico e com productos escolhidos recebidos directamente do estrangeiro.

GRANDE STOK DE ESPECIALIDADES FARMACEUTICAS.

Posto de socorros: } Mutualidade Portuguesa }  
} O Trabalho }

Estabelecimento de Fazendas Brancas e Mindezas  
DE  
Matos, Teixeira & C.ª  
56 — Praça de D. Afonso Henriques — 88  
GUIMARÃES



# Fernandes Guimarães & Irmão, Sucessores

RUA DA REPUBLICA, 88 a 92 --- GUIMARÃES

DEPOSITO DA POLVORA DO ESTADO

Vidraria, cristais e louças. Tinta, óleos, vernizes e cimento. Artigos para caçadores.  
Grande sortido em serviços de louça, para mesa, chá, café e lavatorio

PREÇOS SEM COMPETENCIA

Quereis vestir bem e pelos ultimos figurinos? Visitai a

Alfaiataria Progresso da Moda

— DE —

Gaspar Lopes Ribeiro

Rua da Republica, 93 -- 97  
GUIMARÃES



## Casa das Novidades

Largo da Feira do Leite --- GUIMARÃES

Papelaria, tabacaria, perfumarias e miudezas. Grande sortido em postais ilustrados. Musicas para piano e cordas para instrumentos. Caixas de papel com 50 folhas e 50 envelopes desde 1 a 8 escudos, e muitos outros artigos a preços convidativos.

DE— GUARDASOLARIA VIMARANENSE

Martins, Faria & C.<sup>a</sup>, L.<sup>da</sup>

51, Largo do Prior do Crato, 54 — (Junto ás escadinhas)

Deposito de guardasois e chapéus. Concertam-se os mesmos

Vendas por junto e a retalho

## Casa Penhorista Vimaranense

Fundada em 1880

Propriedade de PEIXOTO, ROCHA & C.<sup>a</sup>  
Legalmente habilitadas

Operações sôbre valores de ouro, prata, platina, pedras preciosas e papeis de cré-lito

Rua da Republica, 144 — GUIMARAES

Ferragens, Cutelarias e Pentes

DE

A. J. Ferreira da Cunha

38, Praça D. Afonso Henriques, 39 (Toural)

Vendas por junto e a retalho

GUIMARÃES

Antiga Casa Alemã

DE

Cardoso & Irmão

GUIMARÃES

Modas e miudezas  
Fazendas brancas  
LANIFICIOS

Antiga Merceria e Confeitaria

DA PORTA DA VILA

DE

Antonio de Sousa Guise

Deposito de Vinhos da Companhia Vinicola e Agua Saneiro

24, Rua da Republica, 28 — GUIMARAES

SERRALHERIA MECANICA E CIVIL

— DE —

Antonio Gonçalves Coelho

Vigamentos, cofres, casas fortes, gradeamentos, veios, chumaceiras, tambores, etc.

EXECUTA-SE QUALQUER TRABALHO DE TORNO E FUNDIÇÃO

Largo da Republica do Brazil, 21

"A RAZÃO."

Semanario Republicano

ASSINATURAS

PUBLICAÇÕES

Semestre. . . . 3750 centavos

Anuncios e comunicados, contracto

Numero avulso . . . 220

especial

Ao Cidadão